

COISAS DA POLÍTICA

■ DORA KRAMER

Obviamente Presidente
PT quer fim da inércia

Não se pode dizer que seja de entusiasmo abissal o clima na campanha de Luiz Inácio Lula da Silva. Ao contrário. O partido vive um momento de plena consciência das dificuldades de enfrentar um adversário poderoso como Fernando Henrique, cujo discurso criou, na definição de Marco Aurélio Garcia – o responsável pelo programa de governo de Lula –, “uma espécie de pensamento único neste país”.

Para se contrapor a isso, Garcia está convencido de que só existem dois caminhos: “Ou criamos uma alternativa de gigantesca consistência, ou ficamos à espera de uma crise brutal. Como a hipótese da crise é ruim para todos, inclusive péssima eleitoralmente para nós, estamos buscando a construção da via consistente.”

A desaceleração, Garcia garante, é temporária, resultado da expectativa com o início do programa eleitoral gratuito, dia 18 de agosto, e da decisão do PT de economizar esforços e energia para os dois meses finais de campanha. “Em dado momento ficamos empatados. Depois, nos fizeram um gol e mais outro. Agora, estamos no intervalo, mas o nosso atacante ainda é o melhor de todos”, diz referindo-se à subida de Lula nas pesquisas, entre maio e junho, à retomada do crescimento de Fernando Henrique na preferência popular e à capacidade de o PT provocar uma reviravolta.

Assegura que embora a situação seja, de fato, complicada não é de forma alguma assustadora. Muito menos acredita que seja o caso de dar por liquidada a fatura. “A batalha final não está ganha, temos combustível para queimar e, sinceramente, já achei que fosse mais difícil.”

Garcia aposta firmemente nos programas de TV. “Se aceitarem as minhas sugestões o clima será de entusiasmo e muito humor, o que, aliás, é a marca do PT.” Essa aposta se baseia na certeza de que grande parte da supremacia de FH resulta do acompanhamento desigual que a mídia faz dos dois candidatos. “Somos patrulhados, mas tenho convicção de que quando as coisas estiverem mais equânimes temos todas as condições de despertar nossa tropa.”

Por “nossa tropa” ele entende aqueles 25% do eleitorado tradicional do PT que têm visibilidade por ser formado por gente ligada a movimentos sociais, sindicatos e ao mundo artístico. “É um pessoal com grande poder de interferência na sociedade e, uma vez que seja tomada por entusiasmo, podemos politizar a campanha.”

Na visão dele, um dos grandes problemas que o PT enfrenta é a “má consciência, que faz uma emissora transmitir longamente notícias sobre a filha da Xuxa e nem uma palavra sequer sobre o Lula”.

Esse clima, segundo Marco Aurélio Garcia, favorece enormemente o adversário. “Para Fernando Henrique interessa uma campanha fria. Portanto, temos de esquentá-la, romper com a inércia, fazer com que as ruas discutam os grandes temas e levar essas imagens ao Brasil todo através da televisão.”

Obviamente ele não concorda que o discurso de Lula esteja gasto, principalmente porque acha que o debate de conteúdo ainda não começou. “O que houve até agora foram atos de guerrilha.” Na segunda quinzena de agosto, o PT vai divulgar o detalhamento de seu programa de governo, aí sim indicando as formas de financiamento dos projetos tão cobradas quando da divulgação das diretrizes gerais.

“Não adianta que o Lula não vai entrar na discussão macroeconômica. Vai centrar no drama social do país e perguntar à sociedade se ela sabe por que Fernando Henrique não investiu nesse setor. E teremos a resposta também a isso: porque a política de estabilidade tal como ele concebeu tem um modelo que exclui essa possibilidade.”

Garcia acredita que um bom caminho para o PT seja explorar medidas que o governo tomou só agora – como benefícios ao crédito e aumento de salário para o funcionalismo –, às vésperas da eleição. “As pessoas sabem que ele fez isso por motivos eleitorais e podemos atingir assim a credibilidade de Fernando Henrique.”

De mais a mais, ele acredita que Fernando Henrique ainda cometerá muitos erros, “pois nunca perde a oportunidade de fazer uma *boutade*, como aquela dos vagabundos”.

Agora, acha também que o PT precisa estar mais atento e forte para explorar possíveis erros. Faz breve autocritica, afirmando que nas últimas semanas o partido perdeu a oportunidade de criar fatos políticos em cima de problemas surgidos na campanha adversária.

Cita como exemplo a entrevista do presidente do Banco Central, Gustavo Franco, dizendo que não haveria dinheiro para implementar as propostas da área social divulgadas pelo comitê do candidato presidente. “Deixamos passar batido, quando podíamos ter feito barulho.”

Não aceita a dúvida a respeito de ser mesmo Lula a figura capaz de colocar em prática todas essas idéias e muito menos considera a tese de que a companhia de Leonel Brizola pode dificultar ainda mais as coisas. “Não podemos nos submeter a certos estigmas. Em matéria de companhia, não troco meio Brizola por 50 ACMs.”

Concorda que os dois têm rejeições não desprezíveis, “mas é a primeira vez que a esquerda deixou o isolamento para formar uma aliança. Não podemos fazer política olhando só para a eleição. Se não for possível ganhar, ainda assim teremos dado um passo adiante”.

**Se ao governo
interessa uma
campanha fria, para
os petistas quanto
mais quente ela for
melhor**
